

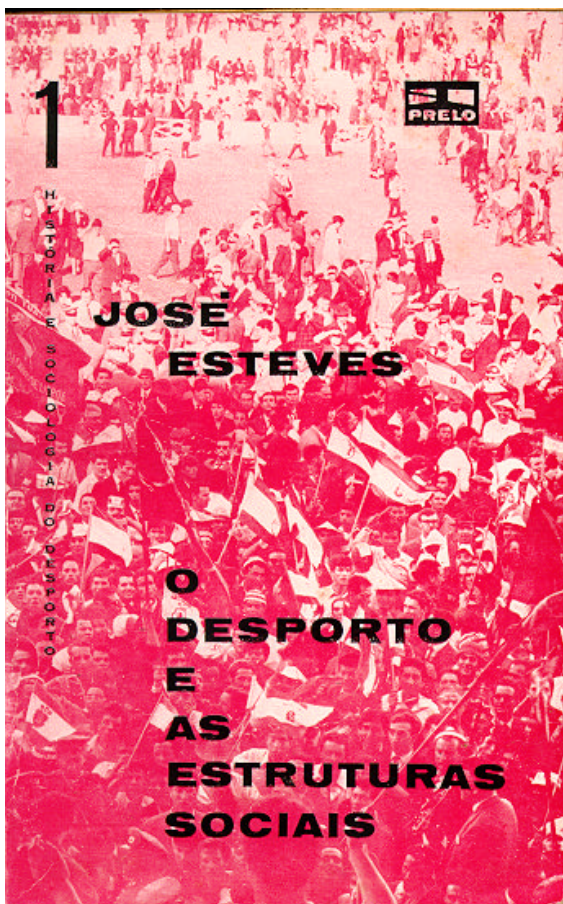
José Esteves, o verdadeiro: um olhar lúcido sobre o fenómeno desportivo

Carlos Nogueira Fino

In Arquipélago - Perspectivas e Debates, 4, 16, 265-272. Funchal, Inverno de 1999

Não foi, seguramente, no professor José Esteves que Herman José se inspirou para criar a personagem impagável do “José Estebes”. Nem creio, mesmo, que o popular *entertainer* alguma vez tivesse ouvido falar dessa ímpar figura cívica precursora da sociologia do desporto no nosso país. Se o tivesse, o comentador provinciano, desbocado e bacoco que o Estebes encarna chamar-se-ia, com toda a certeza, de outra maneira. As coisas são, no entanto, como são. E enquanto o reconhecimento da importância do pensamento do professor José Esteves se vai esfumando numa sociedade onde a alienação desportiva, ao invés de continuar a ser denunciada e combatida, se tem vindo a afirmar como muleta importante do regime político e social vigente (nas suas variantes locais, regionais e nacional), a popularidade do Estebes dir-se-ia não ter limites.

Em 1970, o professor de educação física José Esteves, então bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian publicou, através da Prelo Editora, *O Desporto e as Estruturas Sociais*¹. Esse livro inaugurou uma colecção de história e sociologia do desporto a que se juntaram pelo menos mais dois títulos que tiveram impacte nos meios ligados à



educação física e ao desporto desses dias. Refiro-me a *Boxe – Negação do Desporto*, de Fernando Ferreira, e a *O Desporto na Sociedade*, de P. C. Mac Intosh. Nenhum deles atingiu, no entanto, a importância que a obra de José Esteves teve no despertar das consciências para algumas das mais importantes contradições estruturantes do fenómeno desportivo que, mau grado o seu exame crítico, continuam activas, tendo-se, inclusivamente, transformado ultimamente em fonte de rendimento adicional para comentadores de televisão oriundos de todos os sectores menos do sector desportivo. Se nos referíssemos a esses comentadores do ponto de vista de José Esteves, talvez devêssemos considerar que eles mais não são que utensílios, provavelmente bem remunerados, de um exercício de dupla

alienação dos desportistas de bancada e de sofá que, tendo desde sempre substituído a prática desportiva pela mera observação de espectáculos desportivos, delegam também agora o “salutar” exercício de opinar desportivamente nesses *opinion makers* mediáticos e palavrosos que proliferam como cogumelos nas várias televisões nacionais.

No seu livro, Esteves escarpeliza a relação entre as estruturas sociais e o desporto existente, e a origem classista do desporto *amateur*, cuja prática era coutada de *gentlemen*, bem como a realidade crua do profissionalismo que se afirmava definitivamente, e que recrutava a esmagadora maioria dos seus praticantes nos estratos menos favorecidos da sociedade. Ao mesmo tempo, denuncia o conúbio entre algumas instâncias do Estado, influentes homens de negócios e os clubes desportivos, pudicamente encapotado na época. É que, nessa altura, o Estado em Portugal era muito puritano em matéria de aparências e, para as garantir, lá estavam a censura e a polícia política investidas da inestimável missão de garantir que apenas fosse publicada a “verdade” oficial. Com o seu livro, Esteves arriscou desvelar o que muitos não conseguiam, ou não queriam, ver. O que significa que arriscou também a sua segurança pessoal. Hoje, como sabemos, esse risco não seria tão extremo. Toda a gente conhece a promiscuidade friamente assumida entre o poder político e os vários poderes económicos e o desporto profissional, nomeadamente futebol, ciclismo, basquetebol, andebol, etc., o que prova que, definitivamente, o Esteves está a derrotar o contributo de José Esteves por cabazada, no meio da cumplicidade geral.



Foto da Selecção Portuguesa de Futebol que, em 1961, venceu o Torneio Internacional de Juniores da UEFA. O prof. José Esteves é o sexto a contar da esquerda, em segundo plano².

Paralelamente ao labor na participação no fenómeno desportivo, que a fotografia acima testemunha, e no estudo desse fenómeno, deve ser enfatizada a militância cívica continuada e consistente de José Esteves, que ainda vive à data da redacção deste texto, contra ao regime político deposto a 25 de Abril de 1974. Essa militância conheceu, como momento particularmente relevante, a responsabilidade, em colaboração com António de Sousa Santos, da redacção da Tese *Sobre a Promoção Desportiva Nacional*, apresentada ao 3º Congresso da Oposição Democrática, realizado em Aveiro em Abril de 1973.

Em *O Desporto e as Estruturas Sociais*, José Esteves aborda questões que vão desde a proto-história desportiva (por exemplo, as Olimpíadas da Grécia Antiga) à promoção desportiva das mulheres, sem deixar de aprofundar assuntos tão interessantes como o ideário do barão Pierre de Coubertin, principal ideólogo e impulsionador do moderno movimento Olímpico, e as ligações perigosas entre o Comité Olímpico Internacional e os principais movimentos políticos de extrema direita que condicionaram a vida política da Europa até ao final da II Grande Guerra. Sobre Pierre de Coubertin, não deixa de ser interessante a revelação da sua concepção misógina, elitista e pagã das Olimpíadas, que perpassa o seguinte excerto de uma declaração de Coubertin:

“Entendamo-nos bem: os Jogos Olímpicos são uma luta rude e agreste, que apenas convém a seres humanos rudes e agrestes. Rodeá-los de uma atmosfera debilitante de conformismo, sem paixão nem excesso, é desfigurá-los, tirando-lhes toda a significação. E não me venham falar de Jogos acessíveis a mulheres e adolescentes, ou, para dizer as coisas claramente: aos fracos. Para aquelas e para estes, há uma segunda forma de desporto: a educação física, que serve para lhes dar saúde. Mas para os Jogos, para os meus Jogos, eu quero um grito longo de paixão, qualquer que ele seja” (p. 129).

Trata-se de um livro de uma lucidez admirável, que se destaca pela maneira frontal como discute a problemática da alienação desportiva. É, portanto, um livro a ter presente sempre que se consente um olhar mais atento sobre a realidade desportiva que nos rodeia. A título de exemplo dessa frontalidade, atente-se nesta passagem, a páginas 234 e 235:

“A rivalidade no desporto é tanto maior quanto maiores forem as rivalidades sociais, regionais, nacionalistas e outras. E a ambição da vitória é uma preocupação tanto mais acentuada quanto maiores forem as frustrações pessoais. As dívidas monstruosas contraídas pelos clubes exprimem toda a obsessão do resultado. Se as agremiações desportivas vegetam na grandeza dos seus défices, é porque os associados fazem do comportamento das equipas uma razão de prestígio, um motivo de vergonha, uma questão de honra. Para garantir ou acautelar os êxitos, são os dirigentes obrigados a comprar os jogadores mais habilidosos ou esperançosos, por verbas inoportáveis, e sempre crescentes. Como, de igual modo, são forçados a contratar, a peso de ouro, os treinadores de processos fulgurantes, os que melhor dirigem ou conduzem os homens, nas batalhas dos estádios. E para cobrir as ofertas dos adversários e os encargos resultantes, com frequência desabusada se recorre à mobilização de mecenas, aos empréstimos urgentes, às hipotecas de ocasião, às influências políticas, aos favores dos governantes. Para não falar, já, da pressão moral e, mesmo, do suborno de árbitros e contendores, como também dos habilidosos processos de secretaria, da agressão corporal, da utilização de excitantes pelos jogadores da própria equipa, etc.”

Como se vê, a denúncia contida neste fragmento datado de há trinta anos não teve poder suficiente para contrariar a lógica que no país, mas particularmente nesta Madeira Nova, tem vindo a evoluir para contornos sempre mais preocupantes. Na

Madeira, os clubes mais populares e mais representativos têm vindo a ser transformados lentamente em instrumentos de uma espécie de regional-chauvinismo em que, em parte, se fundamenta a política “autónómica”. Perdida a independência financeira a partir do momento em que o governo regional se assumiu como o grande mecenas do desporto profissional, a permanência desses clubes “entre os grandes do desporto nacional” passou a ser um mero desígnio político, sustentado em injeções regulares de doses maciças de capital público e na contratação de profissionais vindos do exterior. Jovens madeirenses nas primeiras equipas dos principais clubes madeirenses passaram a ser raridades, uma vez que esses mesmos clubes deixaram de ter necessidade de formar os atletas que passaram a poder contratar, já formados, com o dinheiro dos contribuintes, situação que, ao que parece, já não incomoda ninguém. Muito menos o facto desse modelo de desporto estatizado ser um modelo típico dos regimes comunistas que em boa hora implodiram por todo o leste da Europa. Nesses países, o desporto foi transformado numa espécie de panfleto, numa arma de propaganda destinada a afirmar uma superioridade política, social e moral sobre os restantes Estados. Com a queda desses regimes, o que sobrou foi evidência da utilização generalizada de sofisticadas formas de *doping*, a falência de todas as estruturas incluindo as desportivas, a constatação de que a pirâmide da prática desportiva não tinha, nem nunca teve, qualquer base entre a população.

A Madeira Nova optou, portanto, por idêntica fachada desportiva estatizada e mentirosa, que não promove a generalização da prática desportiva entre as várias camadas da população nem produz praticantes de elite, em número e com a qualidade suficiente, para serem úteis aos clubes locais envolvidos em competições nacionais. A propaganda oficial, no entanto, costuma justificar os milhões que se gastam a manter artificialmente clubes, que, na prática, não passam de meras dependências da administração pública regional, afirmando que esse esforço financeiro se destina a criar modelos desportivos para a juventude e a prevenir fenómenos como a tóxico-dependência entre os jovens.

A este propósito diria Esteves que a realidade é bem diversa. O que o poder instalado pretende conseguir, com esta política, é explorar sentimentos de devoção clubística enraizados em boa parte da população, e levar as pessoas a acreditar que são a mesma coisa a Madeira, o clube de que se gosta e o partido que governa a Madeira. E, ao mesmo tempo, tentar convencer a população que as proezas desportivas dos clubes estatizados, conseguidas por atletas mercenários em luta contra as sinistras equipas do continente, são a marca indefectível da grandeza e da pujança desportiva do povo madeirense, o tal “povo superior” na interessante expressão social-democrata, e da sua iluminada e esclarecida liderança.

Como se calcula, para os nossos eternos governantes, como para Bill Shankly, treinador do Liverpool, famosa equipa inglesa de futebol, entre 1959 e 1974, “*Football is not a matter of life and death; it’s much more important than that*” (o futebol não é uma questão de vida ou de morte; é muito mais importante do que isso). Pura alienação, portanto. E, ainda por cima, paga por todos os contribuintes madeirenses, incluindo aqueles que têm feito o que podem para se manterem à sua margem, que é onde a razão funciona.

Como se vê, também aqui, o Esteves tem ganho por “chicharrada”.

Carlos Nogueira Fino, Janeiro de 2000

¹ José Esteves publicou, ainda as seguintes obras: *Para a história do fascismo : Salazar e o desporto - alguns episódios e alguns factos*. In: "Seara Nova", 1974, n^a 1546, pp. 33-41; *Racismo e desporto*. Lisboa: Básica Editora, 1978; *Crítica à organização desportiva nacional*. In Boletim do Instituto Nacional de Educação Física. - Lisboa: Instituto Nacional de Educação Física. -A. 19 N^a 1 (1958), pp. 11-20; *O basquetebol simplificado*. In Boletim do Instituto Nacional de Educação Física. - Lisboa: Instituto Nacional de Educação Física. - Ano 25, n^a 1-2 (1964), pp. 147-152.

² Em primeiro plano: Nogueira (Benfica), Rodrigues ("Os Belenenses"), Crispim (Académica), Jorge (Benfica), Serafim (Porto), Simões (Benfica), Peres ("Os Belenenses"), Mira (Barreirense), Nunes (Benfica).

Em segundo plano: Melo (Benfica), Faria (Porto), Amândio (Benfica), José Ramos (Massagista), Dr. David Sequerra (Seleccionador), **Prof. José Esteves**, Dr. Simões Ferreira (Médico), José Maria Pedroto (Treinador), Carriço (Vitória FC), Oliveira Duarte (Sporting), Moreira (Leixões), Rui (Porto).
Foto e legendas extraídos de: http://www.fpf.pt/factos_e_figuras/camp_euro_jun.html